



Aviso da autora sobre a Abadia de Northanger

Este pequeno trabalho foi concluído em 1803 e seu destino era a publicação imediata. Foi enviado a um editor, até mesmo anunciado, e por que a edição não aconteceu é algo que a autora nunca soube. Parece extraordinário que algum editor ache que valeria a pena comprar o que achava que não valeria a pena publicar. Mas, com isso, deve ser observado que algumas partes do trabalho ficaram comparativamente obsoletas depois de treze anos. O público deve ter em mente que treze anos se passaram desde que foi concluído, muito mais desde que foi iniciado, e que durante esse período, lugares, costumes, livros e opiniões passaram por mudanças consideráveis.



Capítulo 1

Ninguém que tivesse visto Catherine Morland na infância teria imaginado que ela havia nascido para ser uma heroína. Sua situação na vida, o caráter de seus pais, sua própria personalidade e disposição, tudo estava contra ela. O pai era um clérigo, sem ser desafortunado ou pobre, e um homem muito respeitável. Seu nome era Richard, e ele jamais fora bonito. Tinha uma independência considerável, além de dois bons salários, e não costumava trancafiar as filhas. A mãe de Catherine era uma mulher de bom senso, com ótimo temperamento e, o que é mais notável, com uma boa saúde. Ela teve três filhos antes de Catherine nascer e, em vez de morrer ao trazer o último ao mundo, como qualquer um poderia esperar, ainda viveu para ter mais seis filhos e vê-los crescendo ao seu redor e com excelente saúde.

Uma família de dez crianças será sempre chamada de impressionante. Mas eles eram, em geral, muito sem graça, e Catherine, por muitos anos de sua vida, foi tão sem atrativos quanto todos os outros. Sua figura era magra e desajeitada, tinha a pele pálida sem cor, cabelos escuros escorrido e feições fortes, até demais. E sua mente parecia totalmente imprópria para o heroísmo. Ela gostava de todas as brincadeiras de menino e preferia o críquete não apenas às bonecas, mas às diversões mais heroicas da infância, como cuidar de um arganaz, alimentar um canário ou regar uma roseira. De fato, ela não gostava do jardim e, se colhia flores, era principalmente pelo prazer da travessura, pelo menos era o que pensavam dela, que sempre preferia aquelas que não podia colher.

Tais eram as propensões de Catherine, e suas habilidades não eram menos estranhas. Ela nunca conseguia aprender ou entender nada antes de ser ensinada. E às vezes nem assim, pois muitas vezes estava desatenta e era, ocasionalmente, estúpida. Sua mãe passou três meses ensinando-a apenas a repetir o poema “*Beggar’s Petition*”. E no final, a irmã mais nova, Sally, conseguia recitá-lo melhor do que ela. Não que Catherine fosse sempre estúpida – de jeito nenhum. Ela aprendeu a fábula de “*The Hare and Many Friends*” tão rapidamente quanto qualquer garota na Inglaterra. A mãe queria que ela aprendesse música e Catherine tinha certeza de que iria gostar porque adorava brincar com as teclas da velha e esquecida espineta. Então, aos oito anos, ela começou. Estudou durante um ano e não aguentou.

A senhora Morland não insistia que as filhas fossem prendadas e levava em conta a incapacidade ou a falta de vontade delas, por isso permitiu que deixasse os estudos. O dia que dispensou o professor de música foi um dos mais felizes da vida de Catherine. Seu gosto pelo desenho não era muito maior, embora, sempre que conseguia as sobras de uma carta de sua mãe ou qualquer outro pedaço de papel, fizesse o que podia com ele, desenhando casas e árvores, galos e galinhas, todos muito parecidos uns com os outros. Aprendeu a escrever e a contar com o pai, e francês com a mãe: sua proficiência em qualquer uma dessas disciplinas não era notável e ela evitava essas lições sempre que podia.

Que personagem estranho e inexplicável! Pois, com todos esses sintomas de desregramento aos 10 anos, Catherine não tinha um coração ruim nem um mau temperamento, raramente era teimosa, quase nunca briguenta e sempre muito gentil com os pequenos, com poucas demonstrações de tirania. Além disso, era barulhenta e selvagem, detestava o confinamento e a limpeza, e o que mais amava era rolar pela encosta verde nos fundos da casa.

Assim era Catherine Morland aos 10 anos. Aos 15, as aparências começaram a se modificar. Começou a encaracolar o cabelo e querer ir a bailes. Sua pele melhorou, as feições ficaram mais suaves pelo volume e pela cor, os olhos ganharam mais vivacidade e sua figura, mais importância. O amor pela sujeira deu lugar a uma inclinação pela elegância, e ela foi ficando mais asseada à medida que crescia. Sentia agora prazer

A ABADIA DE NORTHANGER

ao ouvir como o pai e a mãe às vezes comentavam sobre sua melhora pessoal. “Catherine está ficando uma garota bonita, ela está quase encantadora hoje”, eram as palavras que chegavam aos seus ouvidos de vez em quando. E como era sons bem-vindos! Parecer quase encantadora é uma conquista de mais importância para uma garota com uma aparência simples nos primeiros 15 anos de sua vida do que para alguém que já é bela desde o berço.

A senhora Morland era uma mulher muito boa e queria que os filhos fossem tudo o que deveriam ser, mas estava sempre tão ocupada em cuidar e ensinar os pequenos que as filhas mais velhas deviam cuidar de si mesmas. E não foi muito estranho que Catherine, que por natureza não tinha nada de heroica, preferisse o críquete, o beisebol, andar a cavalo e correr ao ar livre aos 14 anos, em vez de livros, pelo menos livros de estudo. No entanto, se nenhum conhecimento útil pudesse ser tirado deles, se fossem só história e nenhuma reflexão, ela não tinha nenhuma objeção aos livros. Mas, dos 15 aos 17 anos, ela estava treinando para ser heroína. Tinha lido todas as obras que as heroínas devem ler para suprir suas memórias com aquelas citações que são tão úteis e tão reconfortantes nas vicissitudes de suas vidas agitadas.

De Pope, ela aprendeu a censurar aqueles que
“usam sempre a máscara da desgraça.”

De Gray, que
“Flores que nascem para um rubor invisível,
Gastando sua fragrância no ar deserto.”

De Thompson, que:
“É uma tarefa deliciosa
Ensinar a jovem ideia a florescer.”

E de Shakespeare ela conseguiu muitas informações – entre elas, que:
“As ninharias leves como o ar,
Para quem tem ciúmes, são verdades tão firmes,
Como trechos da Sagrada Escritura.”

Que
“O pobre inseto que, ao passar, esmagamos
Sofre tanto no corpo como o mais alto gigante
No transe da agonia.”

JANE AUSTEN

E que uma jovem apaixonada sempre parece
“como estátua de Paciência
Sorridente diante da Desgraça”.

Até aquele momento, sua melhora era satisfatória e em muitos outros pontos ela se saía muito bem. Pois, embora não pudesse escrever sonetos, conseguia lê-los. E embora não tivesse nenhuma chance de maravilhar toda uma festa com um prelúdio no piano que ela mesma tivesse composto, podia facilmente avaliar o desempenho de outras pessoas. Sua maior deficiência estava no lápis. Ela não tinha noção de desenho, nem o suficiente para tentar esboçar o perfil de seu amado e ser surpreendida ao fazê-lo. Nesse ponto, ela passava muito longe do verdadeiro ideal heroico.

Por enquanto, ela não fazia ideia do próprio infortúnio, pois não tinha nenhum amado para retratar. Tinha feito 17 anos sem ter visto um jovem adorável que pudesse despertar sua sensibilidade, sem ter inspirado uma verdadeira paixão, e sem ter provocado nem mesmo uma admiração, mesmo que fosse muito moderada e transitória. Isso era realmente estranho!

Entretanto, coisas estranhas podem ser geralmente explicadas se a causa delas for investigada. Não havia nenhum lorde naquela região. Não, nem mesmo um barão. Não havia uma única família entre seus conhecidos que tivesse abrigado e criado um menino acidentalmente encontrado à sua porta, nem um jovem cuja origem fosse desconhecida. O pai dela não tinha nenhum protegido e o senhor mais abastado da paróquia não tinha filhos.

Quando uma jovem deve ser heroína, isso não pode ser impedido pela perversidade de 40 famílias vizinhas. Algo deve e vai acontecer para colocar um herói em seu caminho.

O senhor Allen, dono da maior parte das terras de Fullerton, a aldeia em Wiltshire onde os Morland viviam, foi mandado a Bath para se recuperar da gota e sua esposa, uma mulher bem-humorada, que gostava da senhorita Morland, e provavelmente estava consciente de que, se não havia aventuras para uma jovem em sua própria aldeia, ela deveria procurá-las no exterior, convidou-a para ir com eles. O senhor e a senhora Morland concordaram e Catherine ficou radiante.



Capítulo 2

Além do que já foi dito sobre os dotes físicos e mentais de Catherine Morland, quando estava prestes a ser lançada em todas as dificuldades e perigos de uma temporada de seis semanas em Bath, pode-se afirmar, para a informação mais precisa do leitor, pois as páginas seguintes, caso contrário, não dariam uma ideia do caráter dela, que seu coração era afetuoso, seu temperamento, alegre e aberto, sem presunção ou afetação de qualquer espécie, suas maneiras haviam acabado de perder a deselegância e a timidez de menina. Sua aparência era agradável e, quando estava arrumada, ficava bonita e sua mente era tão ignorante e desinformada quanto qualquer mente feminina aos 17 anos.

Quando a hora da partida se aproximava, a ansiedade materna da senhora Morland naturalmente ia piorando. Mil pressentimentos alarmantes de perigos para sua adorada Catherine, por causa dessa terrível separação, oprimiam seu coração com tristeza e a afogavam em lágrimas nos últimos dias juntas. Algum conselho de natureza mais importante e aplicável devem, naturalmente, ter fluído de seus lábios sábios na conversa de despedida em seu quarto. As precauções contra a violência de tais nobres e barões, que adoram obrigar as moças a irem para alguma remota casa de fazenda, deveriam, naquele momento, aliviar seu coração. Quem não pensaria nisso? Mas a senhora Morland conhecia tão pouco os lordes e os barões que não tinha nenhuma noção da malícia

geral deles, e não sabia o perigo para a filha que essas maquinações poderiam causar. Seus cuidados se resumiram aos seguintes pontos: “Eu imploro, Catherine, que sempre cubra bem a garganta, quando sair dos salões à noite, e gostaria que tentasse manter algum controle do dinheiro que gasta. Vou dar a você este caderninho para tal propósito”.

Sally, ou melhor, Sarah (pois que jovem com um nome comum atingirá a idade de 16 anos sem alterá-lo o máximo que puder?) deveria, pela situação naquele momento, ser a amiga íntima e confidente da irmã. É notável, no entanto, que ela nem insistisse que Catherine escrevesse em todas as paradas, nem exigisse sua promessa de informar o caráter de cada novo conhecido, nem um detalhe de toda conversa interessante que pudesse ocorrer em Bath. Tudo relacionado a esta importante viagem na verdade foi feito, por parte dos Morland, com moderação e compostura, mais consistente com os sentimentos comuns da vida cotidiana do que com as suscetibilidades refinadas e as emoções ternas que deveriam criar a primeira separação de uma heroína de sua família. O pai de Catherine, em vez de dar uma ordem ilimitada para seu banqueiro, ou até mesmo colocar uma nota de cem libras em suas mãos, deu apenas dez guinéus à filha, e prometeu mais quando ela quisesse.

Sob esses auspícios pouco promissores, a despedida aconteceu e a jornada começou. Foi realizada com a tranquilidade adequada e a segurança rotineira. Não houve ladrões nem tempestades, nem uma reviravolta de sorte para a heroína. Nada mais alarmante ocorreu além de um medo, que atacou a senhora Allen, de ter deixado seus tamancos esquecidos numa estalagem, algo que felizmente não foi verdade.

Eles chegaram em Bath. Catherine estava ansiosa, seus olhos iam de um lado para o outro quando se aproximavam das belas e impressionantes imediações do local e depois passearam pelas ruas que conduziam ao hotel. Ela veio para ser feliz e já se sentia assim.

Em pouco tempo, já estavam instalados em quartos confortáveis na rua Pulteney.

Agora é conveniente apresentar alguma descrição da senhora Allen, para que o leitor possa julgar de que maneira suas ações promoverão a atmosfera de angústia desta obra, e como ela provavelmente

contribuirá para reduzir a pobre Catherine a toda a desesperada miséria de que um último capítulo é capaz, seja por sua imprudência, por sua vulgaridade ou por seu ciúme, seja interceptando suas cartas, arruinando seu caráter ou expulsando-a de casa.

A senhora Allen era aquele tipo de mulher que não pode suscitar nenhuma outra emoção na sociedade a não ser a surpresa de existirem homens no mundo que possam apreciá-las o suficiente para se casarem com elas. Ela não tinha beleza, gênio, prendas ou modos. O ar de uma dama bem-nascida, uma boa dose de temperamento tranquilo e um pouco de frivolidade espirituosa eram tudo o que poderia explicar que ela tivesse sido a escolha de um homem sensato e inteligente como o senhor Allen. Em um aspecto ela era admiravelmente talentosa para apresentar uma jovem à sociedade: era tão apaixonada por ir a todos os lugares e ver tudo sozinha como qualquer jovem poderia ser. Os vestidos eram sua paixão. Ela sentia um prazer inofensivo em estar elegante, e a entrada de nossa heroína na vida não poderia acontecer antes de passar três ou quatro dias aprendendo o que era mais usado, e de ganhar um vestido da última moda. Catherine também fez algumas compras e, quando todos esses assuntos foram resolvidos, aconteceu a importante noite em que seria levada aos Salões Superiores. Seu cabelo foi cortado e ela foi vestida com as melhores roupas, tudo escolhido com cuidado, e tanto a senhora Allen quanto a empregada declararam que sua aparência era a correta. Com tal encorajamento, Catherine esperava pelo menos não receber nenhuma censura da multidão. Quanto à admiração, sempre era muito bem-vinda quando viesse, mas ela não precisava disso.

A senhora Allen demorou tanto para se vestir que elas entraram bem tarde no salão. A temporada estava cheia, o salão, lotado, e as duas damas terminaram bem espremidas. Quanto ao senhor Allen, ele foi diretamente para o salão de jogos e deixou-as sozinhas para desfrutar da multidão. Mais preocupada com a segurança de seu vestido novo do que com o conforto de sua protegida, a senhora Allen abriu caminho pela multidão de homens ao lado da porta, tão rapidamente quanto a cautela necessária poderia permitir. Catherine, no entanto, manteve-se ao seu lado e segurou firme no braço da amiga, para não se perder dela de forma alguma.